

A PRÁTICA DE CURA NO SEMIÁRIDO: O USO DO MANDACARU NAS EXPERIÊNCIAS MEDICINAIS DOS HABITANTES DA COMUNIDADE MOITA DE BOQUEIRÃO-PB (2008-2021)

José Carlos Silva*

Iranilson Buriti de Oliveira**

Introdução

Esta pesquisa analisa as memórias dos entrevistados na comunidade Moita de Boqueirão-PB sobre uso do mandacaru¹¹ como prática de cura. Problematicamos como essa prática fez parte das experiências curativas dos moitenses. O intuito com os saberes constituídos sobre esse cacto, é a) desnaturalizar as identidades dos sujeitos desses espaços associados à cultura da seca; b) refletir sobre as doenças associadas a cura pelo mandacaru; c) dar visibilidade as propriedades curativas das plantas da caatinga e, e) servir de base para outros estudos.

O espaço desta pesquisa é a comunidade Moita¹², localizada a 9 km da sede do município de Boqueirão, no Cariri Paraibano, a 181 km da capital paraibana, João Pessoa. O recorte temporal que esta pesquisa aborda para termos acesso as experiências dos depoentes da comunidade Moita sobre o uso medicinal do mandacaru é de 2008 a 2020/2021. Em 2008, realizamos a primeira entrevista sobre as práticas de uso dos cactos e das bromélias, com 08 (oito) idosos para o Trabalho de Conclusão de Curso de História da UEPB. Já 2020/2021, realizamos a segunda entrevista, com 30 (trinta) depoentes também sobre as práticas de uso dos cactos e das bromélias para Dissertação de Mestrado da UFCG.

No entanto, por entender que a história não é um processo linear, o nosso deslocamento também se dirigiu para antes desse período, para entender “os começos (as diferenças)”

* Doutorando pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

** Orientador e Professor da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

¹¹ Em alguns momentos, assim como os entrevistados desta pesquisa, iremos nos referir ao mandacaru com o nome de cardeiro.

¹² De acordo com os moitenses, a comunidade tem esse nome devido a pequenas moitas de pereiros que cresciam nos arredores dos roçados. “Era uma plantinha [...], ela ficava desse tamanho (cerca de um metro) o nome da planta é pereiro. Era tudo rasteirinho, por isso, botaram o nome Moita é um nome bonito, o nome Moita” (ANTÔNIO, 2008).

(O'BRIEN, 1992; FOUCAULT, 2008) dos usos do mandacaru nas experiências medicinais dos habitantes da comunidade Moita.

A escolha do tema práticas de cura sobre o uso do mandacaru se deu pelo fato que cresci praticando e ouvindo os moitenses dizerem que usavam o referido cacto como prática medicinal desassociado do discurso da seca e da miséria. Por isso, o desejo de dizer os usos do mandacaru pelos moitenses por meio da Nova História Cultural.

Nesta pesquisa operamos com os seguintes conceitos: “Sensibilidade” para captar e traduzir as evidências do sensível nas experiências de cura dos habitantes da localidade Moita (PESAVENTO, 2007, 2008). “Tática” (CERTEAU, 2019) para compreender as ressignificações das práticas curativas provenientes do mandacaru e “Experiência”, visto como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2019, p.18), para ler as memórias de cura dos moitenses.

Segundo Candau (2019, p. 15), somos as nossas memórias e pela retrospectiva aprendemos “a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente”. Nesse sentido, fomos juntando os pedaços das memórias dos moitenses, por meio da oralidade e tecendo uma narrativa discursiva de resistência desses sujeitos sobre o uso medicinal do cardeiro em seu cotidiano.

De acordo com Oliveira (2011, p. 746) “a saúde e as doenças como objetos da história (...), até pouco tempo, constituíam cenários de estudos de médicos, químicos, biólogos, mas também emergem como campo de análise do historiador.” Para Le Goff (1985, p. 7) “a doença pertence à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também a história profunda dos saberes e práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições ...”

Enfatizamos que, assim como “os poemas do livro Medicina Caseira nos trazem mais do que receitas caseiras em forma de versos, trazem também o próprio sentido da historicidade da obra e seu lugar social” (GADELHA, 2007, p. 25), também são os relatos orais dos depoentes da comunidade Moita sobre o uso do mandacaru como prática de cura. Esses depoimentos sobre a saúde e as doenças como objeto de análise histórica, nos mostram a história de épocas e os lugares sociais em que elas são emanadas.

As fontes usadas neste trabalho foram as memórias dos entrevistados (entrevistas semiabertas, realizadas em 2008, 2020 e 2021) na comunidade Moita de Boqueirão-PB. Por isso, buscamos explorar tais práticas discursivas de ressignificação no campo da oralidade. Campo esse

que “permite o acesso a uma pluralidade de memórias e perspectivas do passado” (ALBERTI, 2005, p. 38).

Por entender que “a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social” (BRANDÃO, 2004, p. 11), utilizamos como Metodologia a Análise do Discurso para ler os documentos (FOUCAULT, 2008) referente às interações e modo de produção social dos usos medicinais do mandacaru.

Resultados e discussões

Chá da raiz do cardeiro

Ingrediente

Raiz de cardeiro

Modo de preparo

Coloque para ferver a água com a raiz do cardeiro. Depois de um tempo médio de 05 minutos de fervura, coe e sirva em seguida.

Indicado

Icterícia, gripe, febre inflamação na uretra e próstata. Prescrição extraída das narrativas de Inácio (2008) e Zilda (2008/2020).

É possível extrair das narrativas de Inácio e de Zilda o uso medicinal da raiz do mandacaru ou cardeiro no combate à icterícia, gripe, febre inflamação na uretra e na próstata. Mas essa “extração” foi possibilitada porque a experiência, “seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer”, foi definida “por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura” (LARROSA, 2019, p. 26) dos narradores da comunidade Moita em experimentar e provar as práticas de cura referentes ao uso do mandacaru.

Essas formas de saberes existentes nas experiências dos moitenses que expressam e deixam vestígios históricos de uma época, em que o uso do cardeiro ou mandacaru tinha múltiplas utilidades, se estendem e se inter cruzam com outras formas de dizerem o uso dessas respectivas plantas, também de outros lugares sociais e históricos.

No que se refere ao uso medicinal do mandacaru, Dantas e Oliveira (2019) fizeram uma revisão bibliográfica de artigos científicos sobre a “Versatilidade no uso medicinal de mandacaru (*Cereus jamacaru*) Cactaceae”, na plataforma de busca (SCIELO) Scientific Electronic Library Online. De acordo com os pesquisadores, “foi possível perceber que a utilização do Mandacaru

como estratégia medicinal, apresenta uma versatilidade quanto a diferentes indicações terapêuticas, podendo ser utilizada tanto para problemas respiratórios, digestórios e cardíacos” (DANTAS; OLIVEIRA, 2019, p. 387).

Dantas e Oliveira (2019) acrescentam que, nos trabalhos etnobotânicos analisados, o uso medicinal do mandacaru é fortemente utilizado por todo o Nordeste (Bahia equivalente a 12% dos estudos, Rio Grande do Norte 10%, Pernambuco 6%, Ceará 22% e Piauí 20%, com maior destaque para o estado da Paraíba 30%).

Dantas e Oliveira (2019) afirmam, baseando-se nos trabalhos pesquisados, que a utilização expressiva da espécie *Cereus jamacaru* nos estados da Paraíba e Ceará está atrelada não só ao uso medicinal, mas também ao uso alimentício. “Nas regiões do cariri paraibano [...], perante a busca de trabalhos, observamos que [...], *Cereus jamacaru* 40% em maior parte na região da Paraíba” (DANTAS; OLIVEIRA, 2019, p. 387).

Alves et al. (2016) informam que fizeram um levantamento das características fitoterápicas do *cereus jamacaru* nas das bases de dados do Google Acadêmico, MEDLINE, SCIELO, LILACS e revistas eletrônicas de saúde. Segundo esse levantamento, a parte interna do mandacaru serve para o tratamento de gastrites e do aparelho digestivo.

Já a raiz serve para o tratamento de cálculo renal, além de ter função diurética, melhorando a retenção de líquidos, febres, resfriados, na infecção na bexiga e possui ação expectorante e serve para tratar de doenças do coração. Alves et al. (2016, p. 04) ainda acrescentam que se “faz uso das flores de *C. jamacaru*, em infusão ou in natura, para o tratamento de verminoses, de furúnculos, abscessos e na amenização de febres”.

Andrade et al. (2006) trazem um levantamento realizado com sertanejos baianos por meio de entrevistas. Segundo os pesquisadores, os entrevistados afirmaram que “a raiz do mandacaru-de-boi [...] ‘serve pra fazer chá pra inflamação no útero, vaginal [...], quentura na uretra [...], tratar hemorroidas. [...], curar gripe e sífilis [...], para problemas de coluna e [...] nos rins”’. Zilda (2020) corrobora com Andrade et al. (2006), ao dizer que “a raiz do cardeiro era para gripe, para febre”.

Andrade et al. (2006), inspirando-se nos trabalhos de Agra et al. (1996), sobre os Cariris Velhos (PB), referente ao uso etnomédico do *C. jamacaru*, nos informam que, “usa-se o infuso ou o decocto da raiz no tratamento de problemas renais (principalmente “pedra nos rins”) e em xarope para o tratamento de tosses, bronquites e úlceras” (ANDRADE et al., 2006, p. 37).

Como já exposto nesta pesquisa, a comunidade Moita, localiza-se no Cariri Paraibano ou Cariris Velhos (PB) e, por isso, o *Cereus jamacaru*, popularmente conhecido por mandacaru ou cardeiro (como os habitantes da Moita chamam), se faz presente nas experiências medicinais dos moitenses.

Assim como José e Antônio relataram a baba (o limo) do xique-xique e do facheiro, como anti-inflamatório, quando o indivíduo for furado pelos espinhos das respectivas plantas, Inácio também fala do uso medicinal do cardeiro/mandacaru ao relatar um acidente trágico, em que foi preciso usar essa prática medicinal para curar um companheiro de trabalho na Serra do Monte, após uma galha desse cacto cair sobre ele. “Quando eu trabalhava no Monte cortando cardeiro caiu uma galha de cardeiro em cima de um homem lá nele (nas costas). Levantamos ele pra cima”.

Inácio, mesmo sem ter o conhecimento médico, tinha o conhecimento de mundo, de vida e da experiência da vida. Já havia acumulado no currículo da vivência algumas práticas de cura a partir dos cactos, especificamente, o mandacaru, e estava credenciado para realizar todas as etapas do tratamento do companheiro de trabalho.

Inácio já entendia e compreendia como realizar todos os procedimentos “clínicos” no hospital da mata para ajudar um homem, que estava ali para retirar o sustento e agora via-se acometido por um acidente de trabalho, que poderia custar-lhe a vida. “Tiramos o cardeiro de cima dele [...], botamos para fora da mata [...], descascamos o cardeiro, tiramos aquela casca dele todinha, aquele limo, passemos no espinhaço dele por todo canto, passemos, passemos, aí trazemos ele pra barraca” (INÁCIO, 2008).

Conforme Castro (2010, p. 58), os espinhos do mandacaru “variam em tamanho, podendo alcançar 10 cm”. É um espinho muito grande, dependendo da parte do corpo afetada, pode atingir alguns órgãos interno, levando a vítima ao óbito, se não for levada rapidamente para um hospital.

Mas, quando Inácio vivencia essa situação com o companheiro de trabalho, segundo ele, foi antes do açude de Boqueirão. O manancial foi edificado em 1950 e a primeira “sangria” só correu em 1967¹³, e “nesse tempo não tinha doutor, era farmacêutico [...]. Aí fomos tratar dele na Serra do Monte” (INÁCIO, 2008).

¹³ PB encerra 2020 sem sangria do açude de Boqueirão e com 19 reservatórios em situação crítica. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2021/01/02/pb-encerra-2020-sem-sangria-do-acude-de-boqueirao-e-com-19-reservatorios-em-situacao-critica.ghtml>>. Acesso em: 08 jan. 2021.

Foi um tratamento demorado, lento e devagar. O doente inspirava cuidados e, por isso, era necessário ir passando o cardeiro e “lavando, passando e lavando, passando e lavando e foi saindo os espinhos e espremendo e lá a mulher dele foi espremendo e os espinhos saindo, saindo. Ele ficou bonzinho. Ele hoje é marchante, corta até carne mais o filho de Geraldo Matias, mais Jorge” (INÁCIO, 2008).

Larrosa (2019), em sua obra, traz diversas definições sobre experiência. Ele nos apresenta a de Heidegger (1987), que, segundo o próprio filósofo, soa muito bem sobre receptividade, abertura e perigo a que somos submetidos na experiência. Assim, Larrosa destaca em seu texto a citação de Heidegger.

Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em ‘fazer’ uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, ‘fazer’ significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-se a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (LARROSA, 2019, p. 27).

Essa experiência alcançou o depoente Inácio. Se apoderou dele historicamente, o fez tombar e o transformou, fazendo com que esse seu relato chegasse até nós. Esse antigo companheiro de trabalho o marcou de maneira mais profunda que outros, quando se refere ao uso medicinal dos cactos, em particular, o uso do mandacaru ou cardeiro. Porque “fazer” uma experiência “significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-se a isso”, já nos disse Larrosa (2019, p. 27), inspirado em Heidegger.

Esse conhecimento interpelado, submetido, historicizado, presente e inscrito nas ações cotidianas de Inácio, também se manifesta nas práticas de cura de outros depoentes da comunidade Moita, como Valdo, que nos descreve um remédio feito da raiz do mandacaru/cardeiro para a próstata.

Esse aqui é o cardeiro, aí você pode comer um pouquinho dele. Mas tem a raiz dele, num tem? Você pode chegar do lado de cima que o sol se põe, você pode tirar a raiz dele, do cardeiro, tá! Você pode chegar em casa, você corta ele bem pequenininho, entendeu, e bota dentro de uma garrafa ou bote dentro de uma panela do jeito que você quer e vá tomar essa água dessa raiz do cardeiro que tu não vai ser mais operado de próstata (VALDO, 2020).

Valdo relata uma receita com base no cardeiro ou mandacaru para o combate ao câncer de próstata. Segundo ele, é preciso retirar a raiz da respectiva planta do lado que o sol se põe,

cortá-la em pequenos pedaços e botá-los dentro de uma garrafa ou panela e tomar. Conforme o entrevistado, quem beber dessa infusão “não será operado da próstata”. Esse narrador chama nossa atenção por meio da receita medicinal do cardeiro ou mandacaru, para um ponto extremamente importante sobre a saúde do homem, em especial, sobre o câncer de próstata.

De acordo com Brandão (2006, p. 29-30) todas as “espécies da família Cactácea possuem atividade citotóxica contra diferentes tipos de cânceres”. O mandacaru ou cardeiro é da família cactácea e, provavelmente, também deve agir sobre o câncer de próstata ou possíveis inflamações em tal órgão.

Mas Valdo nos alerta que o remédio proveniente do cardeiro ou mandacaru só serve se a próstata não estiver muito inflamada. Se a doença já estiver avançada, não tem jeito de a água ou chá da raiz do mandacaru acabar com a doença. Ele conta que o próprio foi acometido por uma inflamação na próstata e, por isso, a prescrição do remédio que ele relata não foi útil.

Ainda hoje serve. Você tira a raiz dele, lava ela, quando acabar coloca dentro de uma garrafa d'água e a água que você bebe, seja ele, que é bom para a próstata. Muita gente já me ensinou esse remédio. Agora depois que já está avançado, o cabra tá ferrado. Cheguei a tomar, mais não teve jeito mais não que a minha próstata já estava crescida (VALDO, 2020).

Na comunidade Moita, não foi só Valdo que foi acometido por problemas de saúde na próstata. Geraldo também foi submetido a um procedimento cirúrgico no referido órgão. Dois senhores, que participaram da entrevista realizada em 2008, tiveram problemas de saúde na próstata. Todos esses sujeitos trabalharam na agricultura e foram expostos, por muitos anos, aos defensivos agrícolas. Além desses próprios apontarem que a alimentação industrializada (processada, ultraprocessada, com conservante e hormônios) e os agrotóxicos estão provocando doenças nas pessoas.

Mais adiante esse narrador acrescenta: “agora você não tire a raiz do cardeiro do lado que o sol nasce não, tira do lado que o sol se põe, entendeu? Ele serve pra tudo dentro do corpo do ser humano. Agora que coisa que eu te digo ela serve mais para balanço de sangue, pra te alimpar” (VALDO, 2020).

A memória oral dos moitenses, assim como a memória oral dos habitantes da zona rural do município de Pinheiros, analisada por Araújo (2015, p. 13), coloca esses sujeitos como “os doutores do mato, expressão popular pela qual também se designava os pajés”.

Observa-se que os depoentes da comunidade Moita não eram os pajés, mas eram os protagonistas da cura de parte de suas enfermidades. Como nos disse Certeau (2019), os heróis anônimos vindos de muito longe, carregando consigo os murmúrios das sociedades e que “pouco

a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público” (CERTEAU, 2019, p. 55).

São esses figurantes amontoados, a exemplo, os depoentes da localidade Moita, a que a história dá “os zoons” (CERTEAU, 2019) e nos mostra que essa multidão, composta por sujeitos tidos no anonimato, foi construindo e acumulando em seus corpos prática de cura. Tornaram-se especialistas na medicina por meio das experiências de vida. Uma experiência escrita e lida em um “sujeito alcançado, tombado, derrubado. [...]. Um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido” (LARROSA, 2019, p. 28).

O ser desses sujeitos passou a ser submetido, receptivo e repositório de “modos de operação ou esquema de ação” (CERTEAU, 2019, p. 37) das práticas medicinais usadas na região há séculos, desde os nativos, “cujos modelos remontam talvez às astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados” (CERTEAU, 2019, p. 37).

Mesmo afastados do saber médico, os depoentes da comunidade Moita dominavam também o saber da vida, para esticá-la mais um pouco. Mesmo longe da academia e das suas profundas pesquisas, sabiam por onde seguir na mata para encontrar a planta que possivelmente iria curá-los (ou não) à enfermidade.

Por meio das “combinações de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma ‘cultura’, os narradores da localidade Moita nos permitem, por meio das práticas de cura referentes aos cactos e às bromélias, “exumar os modelos de ação característicos dos usuários”, desnaturalizando “o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (CERTEAU, 2019, p. 38).

É nessa caça cotidiana não autorizada pelos discursos que associam o uso dos cactos e das bromélias à cultura da seca que os depoentes da comunidade Moita se reinventam e se movem no terreno da cultura, fazendo dos seus corpos lugares do saber de desnaturalização de estereótipos.

Considerações finais

Após a análise histórica e cultural das experiências sensíveis sobre o uso medicinal do mandacaru presente nas memórias afetivas dos entrevistados da comunidade Moita de Boqueirão-PB, podemos considerar que tal prática permite um diálogo rico interdisciplinar de conhecimento

do mundo, das relações sociais e da formação dos sujeitos, vistos e tidos como múltiplos e mutáveis no semiárido.

Consideramos por meio da prática de cura referente ao mandacaru a desnaturalização dos estereótipos da seca, da fome e da miséria associados aos sujeitos e espaços da região semiárida.

Evidenciamos por meio das experiências dos entrevistados e de pesquisas científicas realizadas a importância das propriedades curativas do cacto mandacaru ou cardeiro no combate a algumas doenças que afligem a sociedade, como infecções, inflamação na próstata, câncer etc.

Esperamos que essa pesquisa, pautada na Nova História Cultural, sirva de base para realização de novos/outros estudos científicos, com o intuito de valorizar, respeitar e de dar sentido prático ao Bioma Caatinga e aos saberes históricos de sujeitos comuns que habitam esse espaço.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. *Ouvir Contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.
- ANDRADE, C. T. S.; MARQUES, J. G. W; ZAPPI, D. C. Utilização medicinal de cactáceas por sertanejos baianos. *Revista Brasileira De Plantas Mediciniais*. Botucatu, v. 8, n. 3, p. 36-42, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/283355113_The_use_of_medicinal_cacti_by_locals_at_the_semi-arid_in_Bahia_State_Brazil>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- ALVES, Hirisdiane Bezerra et al. Características fitoterápicas do cereus jamacaru: cacto típico da caatinga. *I Congresso Internacional da Diversidade do Semiárido*, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conidis/2016/TRABALHO_EV064_MD1_SA10_ID559_24102016175138.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2021.
- BRANDÃO, Gustavo Henrique Azevedo. *Alcaloides de Melocactus zehntneri Cactaceae: extração sustentável e atividade farmacológica*. 2016. (Dissertação de Mestrado em Ciências Farmacêuticas). - UFRN-RN, Natal, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21491>>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. *Introdução a análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CANAU, Joel. *Memória e identidade*. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.
- CASTRO, Antônio Sérgio. *Flores da caatinga*. Campina Grande: Instituto Nacional do Semiárido, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2019.

DANTAS, Janilo Ítalo Melo; OLIVEIRA, Maria Gisely Barbosa. Versatilidade no uso medicinal de mandacaru (*Cereus jamacaru*) *Cactaceae*. *Diversitas Journal*, v. 4, n. 2, p. 384-392, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v4i2.737>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GADELHA, Georgina da Silva. *Os saberes do corpo: a “medicina caseira” e as práticas populares de cura no Ceará (1860-1919)*. 2007. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2860>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LE GOFF, Jacques (Org.). *As doenças têm histórias*. Lisboa: Terramar, 1985.

O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel de Foucault. In: HUNT, Lyn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 33-62.

OLIVEIRA, Iranilson B. de. Artes de curar e modos de viver na geografia do cangaço. *Hist., Ciências, Saúde, Manguinhos*, RJ, v. 18, n. 3, jul./set. 2011, p. 745-755.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

